

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Maria Jocelma Duarte de Lima; Jose Ismaildo Dantas de Oliveira; Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: jocelmaduarte@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: rubronegro80@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: kekesoares@yahoo.com.br

Resumo: O principal objetivo desse artigo é analisar a presença dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, ressaltando os prós e os contra o trabalho com os mesmos nessa parte da educação. Para abordar esse assunto, foi feito um estudo acerca de alguns autores que discorrem sobre a temática em foco, trazendo uma “retrospectiva” do uso dos jogos e brincadeiras na prática docente, a importância da presença dos mesmos na Educação Infantil e um pouco das experiências vivenciadas a partir do estágio supervisionado I, que ocorreu na “Creche Municipal Criança Feliz”, na cidade de Pau dos Ferros/RN, na sala do nível I. Para o embasamento teórico, foi utilizado os três volumes do Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil-RCNEI, além de outras leituras que deram suporte ao fazer docente dentro da sala de aula. Sobre ao longo das aulas, foi desenvolvido uma gama de atividades lúdicas, nas quais foi possível notar o envolvimento e interesse por parte das crianças, o que permitiu uma reflexão em torno da relevância desse tipo de prática na Educação Infantil. Sendo assim podemos constatar que sim, os jogos e as brincadeiras exercem um papel relevante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e que faz parte de um dos “pilares” que solidificam a Educação Infantil

Palavras chaves: Jogos, brincadeiras, Estágio, Educação Infantil.

Introdução

Brincar, uma palavra que para muitos tem pouco significado, mas que para as crianças apresenta-se como um leque de possibilidades, tanto de diversão, como de aprendizagem e desenvolvimento das mesmas. Mas o que de fato vem acontecendo é que no decorrer dos tempos o conceito de brincar tem mudado bastante, e vem ganhando novos significados principalmente na educação infantil.

Essa mudança que falamos vem acontecendo principalmente por conta das indústrias e comércios, que atualmente oferecem uma espécie de “brincadeira pronta”, ou seja, não permite que a criança crie, imagine e construa seus próprios brinquedos e jogos como era muito comum antigamente. As indústrias oferecem uma variedade muito relevante de brinquedos, bonecas que falam, carrinhos de controle remoto, vídeo games, bonecos que andam, tabletes (que proporciona a criança a possibilidade de ter “o mundo nas suas mãos”) enfim muitos outros tipos de brinquedos, que “barram” a criatividade e a imaginação das crianças, restando a elas apenas reproduzirem o que vem escrito em um manual de uso.

E aqueles brinquedos de antigamente aos poucos foram substituídos por essa modernidade, as brincadeiras de roda com a família e com os amigos na rua, estão sendo cada vez mais esquecidas, principalmente pela questão da segurança das crianças pois vivemos em uma sociedade cada vez mais violenta, e os pais acham que os brinquedos modernos apresentam muito mais conforto e segurança para os filhos, pois os mesmos não precisam estarem expostos em ruas ou espaço que ofereça algum risco para as crianças, mas mal sabem eles que estão “barrando” uma fase importante no desenvolvimento dos filhos, pois devemos sim prezar pela segurança dos mesmos porem é papel da família proporcionar as crianças esse primeiro contato com essa cultura lúdica.

E como sabemos o lúdico apresenta-se como um dos pilares da infância, e conseqüentemente da Educação Infantil, e estando o mesmo “fragilizado” no que diz sentido ao meio social no qual a criança vive, apresenta-se essa questão para os professores, de como introduzir na vida dessas crianças as brincadeiras tidas como “antigas”? E o que essas brincadeiras podem ajudar no desenvolvimento dessas crianças?

Assim, baseado nessas questões e nas experiências vivenciados por nós no Estagio Supervisionado I, na Creche Municipal Criança Feliz, é que temos como objetivo principal analisar a importância e as contribuições dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, e para alcançarmos o nosso objetivo, contaremos com o embasamento teórico dos seguintes autores: Camargo e Carneiro (2008) Mascioli (2008), Kishimoto (1998), e ainda o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil-RCNEI (1998).

Retrospectiva

Como já dito anteriormente, o brincar sempre foi e sempre será, um ponto crucial para a infância de todos, e de todas as formas imagináveis contribui grandemente para o desenvolvimento da criança, seja ao aguçar a imaginação ou a auxiliar na aprendizagem da decodificação por exemplo, não importa a maneira e sim o quanto o brincar contribui para as crianças. . E como podemos ver, vêm ocorrendo grandes transformações em todos os aspectos da nossa vida, e o brincar não ficou fora disso, como diz Mascioli (2008)

[...] as sociedades primitivas eram sociedades comunitárias, nas quais tanto as atividades religiosas, artísticas e culturais, como o trabalho e o jogo, eram atividades coletivas envolvidas por um ambiente de ludicidade e permeadas por um caráter comunitário de festividades. Homens, mulheres, idosos e crianças trabalhavam e jogavam juntos. (MASCIOLO, 2008, p. 106)

É desse aspecto que estamos tentando falar, a questão do brincar em grupos (família, amigos, etc.), que em meio a essas mudanças veio desaparecendo e sendo substituído por jogos e brincadeiras tecnológicas, e hoje mal se vê em sociedade manifestações dessa espécie, e a escola é um dos poucos lugares que ainda resgatam essas brincadeiras, e espera-se que seja feito um trabalho “bem feito”, para que possa garantir aos alunos uma vivência lúdica forte, dessa forma o trabalho com músicas, brincadeiras de rodas, cantigas, entre outros, possa contribuir para o bom desenvolvimento das crianças. O ponto negativo desse afastamento das famílias dessa vivência lúdica acaba que aumentando mais ainda a responsabilidade do professor e da escola a esse respeito e de certo modo dificultando também esse trabalho. Dessa forma,

É preciso lembrar, porém, que os espaços escolares abarcam crianças com vivências e repertórios lúdicos distintos e que devem ser respeitados e ampliados. Com frequência nos deparamos com turmas heterogêneas, das quais alguns alunos parecem mais acostumados ao mundo lúdico demonstrando maior domínio sobre brincadeiras cantadas, brinquedos e até jogos criados por eles, alguns outros, quando muito, restringem sua experiência lúdica ao vídeo game e outros, por sua vez, parecem, por um motivo ou outro, desprovidos de qualquer repertório, privado de seu tempo e de seu direito de brincar. (MASCIONI, 2008, p. 108)

De fato, é essa a realidade que muito se encontra entre as crianças hoje, que nem ao menos conhece músicas do vasto repertório infantil existente, ou ao menos conhece uma brincadeira de roda ou algo do tipo, fica com o conhecimento restritos só a aparelhos eletrônicos, infelizmente, alguns buscam “culpar” os avanços tecnológicos outros responsabilizam a família, mas o que de fato podemos afirmar é que a criança que não tem uma cultura infantil acaba perdendo uma fase importante do seu processo de amadurecimento e formação.

Foi pensando dessa maneira, que buscamos no tópico a seguir abordar como se dá o uso desses jogos e brincadeiras na educação infantil com uma finalidade pedagógica, e como ferramenta de auxílio para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos, servindo quando necessário de auxílio para os professores na busca de resgatar a cultura lúdica nas crianças.

O uso dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil

A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, tanto no físico, quanto no psicológico, intelectual e social. Desse modo a brincadeira vem sendo um auxílio para se chegar a esses meios, pois em toda a vida infantil ela é a melhor forma para que as crianças

conheçam o seu espaço, e aprendam diversas habilidades, como ser independente, trabalhar a autoestima, a afetividade e também promove um aumento relevante da criatividade. Vendo essas atribuições a brincadeira promove o que a Educação Infantil busca, lógico que de forma específica, não deve ser o único meio de ensino-aprendizagem da educação inicial, porém, é evidente que o lúdico desenvolve o físico, a mente e a socialização da criança.

O uso de jogos e brincadeiras na Educação Infantil não é algo novo, porém, esse recurso veio se descaracterizando com o tempo e perdendo cada vez mais espaço no plano de aula de muitos profissionais, alguns professores apresentam o jogo e as brincadeiras a seus alunos como algo fora dos conteúdos ensinados, apenas como um passa tempo ou como uma atividade que deve ser desenvolvida somente em horários com o recreio escolar por exemplo.

Outros englobam tanto conteúdo nos jogos que os mesmos acabam por perder sua leveza no ensino e se tornam cansativos. Os jogos e as brincadeiras devem estar presentes na formação das crianças, mas é preciso que o professor estude e busque levar o jogo para sua aula de forma correta, vemos aqui a importância de ter um profissional formado em na área de Pedagogia, para que seja possível desenvolver esse trabalho de forma mais coerente, pois é necessário

O equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo. Entretanto, o desequilíbrio provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina, ou, ao contrário, quando a função educativa elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino. (KISHIMOTO, 1998, p. 19)

Sendo assim, o principal desafio do professor é buscar o meio termo do uso dos jogos em sala de aula, para que ambos (ludicidade e conteúdo) surtam o efeito necessário para a aprendizagem completa dos alunos, sem deixar que em nenhum momento um anule a importância do outro, ou que as crianças prefiram sempre só brincar ao invés de estudar.

Dessa forma podemos ver que é sim importante a presença do lúdico na educação, principalmente na Educação Infantil e que deve ser cultivada essa cultura também no nosso seio familiar, o que como vimos também tem perdido cada vez mais espaço na vida das crianças, que já crescem e chegam nas creches com algumas “lacunas” a serem preenchidas pelas famílias, que acham que esse espaço do lúdico na vida das crianças pode ser preenchido por aparelhos tecnológicos.

Mas é aí que muitas vezes há um grande engano, pois jamais essa forma de diversão suprirá a necessidade de correr, pular, danças, cantar, enfim de uma infinidade de brincadeiras que fazem as crianças se exercitarem e “gastarem” energias.

Mas infelizmente ainda encontramos também alguns pais e professores que ainda acreditam que o jogo e a brincadeira não apresentam nenhuma finalidade pedagógica, e que é utilizado pelos professores em sala de aula como uma maneira de “passar o tempo”, e em resposta a esses,

[..] temos que oferecer elementos empíricos(dados concretos) que mostrem a viabilidade de se aprender a partir de recursos diferenciados, inclusive o jogo. Longe de abolir o uso de atividades como leitura e escrita, ou de abolir o uso de livros didáticos, o que questionamos é se esses são os únicos recursos ou os únicos essências a educação, inclusive a educação infantil. [...] Assim, vemos, de modo deliberado, a luta travada entre um ensino tradicional e ritualista e o uso de elementos diferenciados como o jogo. (CAMARGO e CARNEIRO, 2008, p.134 e 135)

Com essa afirmação de Camargo e Carneiro (2008), vemos que os jogos e brincadeiras são sim de grande relevância para o processo de aprendizagem e do desenvolvimento das crianças, mas que ainda se tem muitas barreiras para serem “quebradas”, pois muitos ainda descredita na finalidade pedagógica que as brincadeiras têm.

Experiências vividas no estagio

Nosso Estagio Supervisionado I acontece no 5º período do curso de Pedagogia, ocorreu na Creche Municipal Criança Feliz localizada na cidade de Pau dos Ferros/RN, a sala do nosso estagio foi o nível I da creche, com crianças com faixa etária de 2 a 3 anos de idade. O período do estágio é dividido em três semanas, onde na primeira semana foi o período de observação, na qual tínhamos como objetivo observar aspectos da sala de aula enquanto alunos, enquanto espaço físico, e a escola no geral, com a finalidade de elaborarmos as nossas atividades a partir do que foi observado.

No nosso período de observação podemos notar que a estrutura que a escola apresenta é inadequada para a realização das atividades, pois a mesma funciona em uma casa, onde os espaços das salas de aulas são os cômodos. O espaço da nossa turma, não era favorável para desenvolver jogos e brincadeiras no geral, pois era muito pequeno e dificultava até mesmo a locomoção dentro do espaço, por isso o desenvolvimento das atividades lúdicas ficava restrito somente para o momento do recreio, o que acarretava uma série de brincadeiras “sem planejamento ou finalidade” pedagógica.

A semana seguinte foi direcionada para planejarmos as nossas atividades baseadas nas informações obtidas através da observação, na qual podemos constatar a necessidade de mais atividades lúdicas na rotina das crianças, pensando dessa maneira, produzimos os nossos planos de

aula buscando principalmente a ludicidade, ou seja, atividades que englobassem jogos, músicas, brincadeiras, entre outros aspectos que façam parte do mundo lúdico, que tem que ser cada vez mais resgatado, tanto nas escolas como entre família e amigos, já que o tempo para as brincadeiras está ficando cada vez menos,

[...] o período referente a infância, já não é mais um espaço predominantemente lúdico. Segundo o autor, o adulto quando busca preparar a criança para o futuro preenche todo o tempo da mesma com atividades, afazeres e compromissos, obrigando-a a renunciar o momento presente. O tempo e o espaço para o lúdico se tornam, neste sentido, cada vez, mais restrito na vida infantil, pois o momento destinado para a brincadeira acaba se diluindo diante da hora da tarefa, hora da escola, hora do inglês, hora da computação, etc. (MARCELLINO apud MASCIOLI, 2008, p.107)

E com essa “falta” de tempo para brincar as crianças vão se afastando cada vez mais da cultura lúdica, e fica para a escola e os professores uma responsabilidade gigantesca, que é de levar essas crianças de volta para esse caminho, já que “pelo seu caráter coletivo, os jogos e brincadeiras permitem que o grupo se estruture, que as crianças estabeleçam relações ricas de troca, aprendam a esperar sua vez, acostumando a lidar com regras, conscientizando-se que podem ganhar ou perder.” (BRASIL, 1998, p. 235)

Levando para nossa vivência durante o estágio I, percebemos a limitação que se tinha na escola a respeito da ludicidade, as crianças tinham um tempo até significativo para o desenvolvimento de brincadeiras, mas eram atividades visivelmente soltas, sem um objetivo concreto. Tendo em vista a importância desses momentos para o desenvolvimento relevante dos alunos, buscamos fazer nossas atividades diretamente ligadas ao lúdico, tanto pela importância quanto pela observação feita de que os alunos interagem bem, entre si e com os professores, quando estavam em contato com brinquedos, músicas, jogos e quaisquer atividades de cunho lúdico.

Foram inúmeras as tentativas de promover uma ludicidade pertinente para os 25 alunos que estavam naquela sala de aula. Lápis de cera, músicas, tinta, jogos, DVD, cantigas de roda, contações de história, entre outros meios didáticos foram utilizados nas nossas produções. Mesmo com uma única mesa, cadeiras desconfortáveis, sala extremamente pequena e um número de alunos relevante, o desenvolvimento das atividades se deu de forma gratificante, conseguimos o nosso principal objetivo, transformar os momentos de brincadeiras em momentos de aprendizagem, não que a brincadeira não seja por si só um meio de aprendizagem, mas sabemos que a mediação e a presença

de educadores para a orientação durante as atividades lúdicas é algo valioso que não pode ser somente agradável é preciso ser eficiente, sabemos que

[...] A escola pode contribuir muito para o resgate do lúdico na infância. Deve haver nela um trabalho educacional que possibilite o aprendizado e o desenvolvimento infantil explorando, por exemplo, jogos, cantigas e brincadeiras com movimento, para tornar o processo ensino-aprendizagem não só mais agradável como mais eficiente. (MASCIOLO, 2008, p. 108)

Só pensando dessa maneira é que vemos o quanto relevante é os jogos e brincadeiras na formação dos alunos, dando aos alunos a oportunidade de vivenciar a vasta cultura lúdica que temos em nosso meio.

Conclusão

Mediante o que foi estudado em nossos aportes teóricos e as experiências que tivemos o prazer de vivenciar no decorrer do nosso estágio, podemos concluir que o uso de jogos e brincadeiras em sala de aula é de grande relevância, e que além de proporcionar diversão entre as crianças, proporciona uma significativa aprendizagem podendo ser considerado uma das principais bases da Educação infantil.

E tivemos o prazer de presenciar esses acontecimentos no decorrer do nosso estágio, no qual todas as atividades lúdicas propostas para os alunos, foram aceitas de bom grado, e com um grande interesse para desenvolvê-las por parte dos alunos, o que para nós, enquanto estagiários foi muito gratificante, já que o espaço disponibilizado na sala de aula é muito pequeno, e dificulta as atividades desse cunho.

Dividimos também da satisfação de saber que mesmo a turma sendo de uma idade muito baixa em sua totalidade adorava participar dos momentos de brincadeiras aprendizagem, reconhecemos também o esforço de muitos profissionais que mesmo com poucas condições de trabalho exercem sua profissão de forma excelente, priorizando todos os aspectos necessários para a boa formação dos alunos.

Constatamos também que ainda existe uma espécie de tabu envolvendo o assunto, pois infelizmente ainda existem muitos que desacreditam no poder de formação que o lúdico exerce sobre as crianças, e cabe a nós educadores mostrar a outra vertente dessa história.



Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF,1998.

CAMARGO, Ricardo Leite. CARNEIRO, Kleber Tuxen. O jogo e a educação. In.: ANGOTI, Maristela. (Org.) **Educação infantil para que, para quem e por quê?** 2. Ed. Campinas, SP: Editora Aliena, 2008.

MASCIOLI, Suselaine A. Zaniolo. Brincar: um direito da infância e uma responsabilidade da escola. In.: ANGOTI, Maristela. (Org.) **Educação infantil para que, para quem e por quê?** 2. Ed. Campinas, SP: Editora Aliena, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação” de Kishimoto.** 2. ed. São Paulo: Pioneiro, 1998.